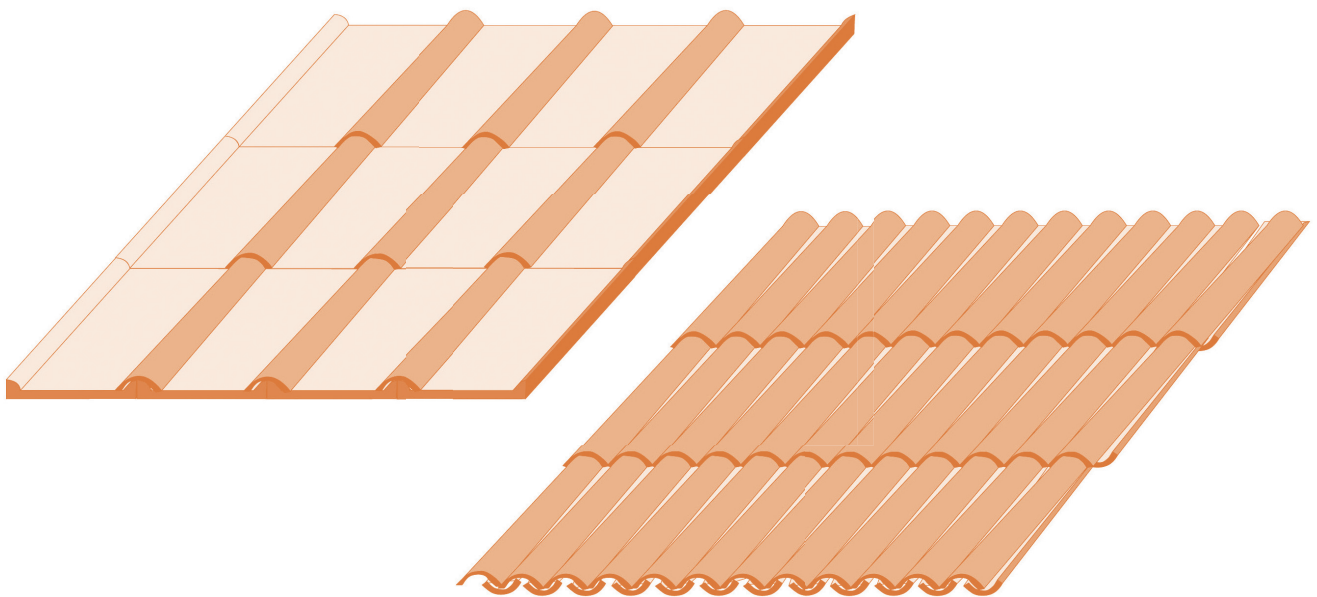


Telhas romanas

Um artefacto significante

Rodrigo Banha da Silva | Arqueólogo, docente da FCSH-UNL, investigador do CHAM – Centro de História de Além-Mar

Na prática arqueológica do nosso país, as telhas e tijolos encontrados nas escavações são vistos como objectos “de segunda linha”, por supostamente encerrarem um interesse secundário. O seu aparecimento nos contextos, embora registado nas memórias e relatórios dos trabalhos, não constitui alvo de tratamento especial. São vários os fundamentos para este notório desinteresse: em primeiro lugar, trata-se de um artefacto que surge em grande número, em segundo, mostra morfologias muito repetitivas, por fim, foi produzido em quantidades “industriais” e que ocorre a maior das vezes muito fragmentado. Só muito raramente chamam a atenção dos arqueólogos pelo seu significado: ou porque apresentam decoração, estampilha ou marca de olaria, ou porque são úteis para a compreensão dos edificadados que integravam.



A

pesar deste panorama, quer os tijolos de cobertura quer as telhas compõem das mais poderosas marcas de alteração das paisagens construídas do passado do território hoje português: na realidade, a sua introdução no período romano constituiu uma viragem profunda nas práticas construtivas, integrando as aporções de novas técnicas e conceitos arquitectónicos. Neste sentido, a telha é uma das mais distintivas manifestações da *globalização* promovida por Roma que, embora mais limitada na escala geográfica do que a iniciada pela expansão dos Reinos Ibéricos da Idade Moderna, urdiu uma integração porventura mais poderosa e duradoura no interior do Império. Porque a um tempo político e cultural, fomentou interdependências entre regiões então longínquas ou até desconhecidas entre si e, noutro sentido, estimulou e desenvolveu o espraiar das teias da economia bem para além dos limites do Império Romano, de algum modo conectando a bacia do Mediterrâneo e a maior parte da Europa com as paragens distantes da Índia e do Malabar ou, por momentos, até a (quase intangível) China.

Numa aproximação histórica ao tema, a telha e o tijolo de cobertura acompanharam num primeiro momento, e para o Ocidente, a marcha das legiões. O comentário é literal: o que vem constando nos trabalhos sobre os sítios datados dos primeiros momentos da conquista romana (séculos II-I a.C.), é o aparecimento da telha plana (*tegula*) e / ou curva (*imbrex*) nos contextos militares, quando nos ambientes indígenas coevos e geograficamente próximos aqueles está ausente, por aparentemente as coberturas em materiais perecíveis terem aqui perdurado a uso. Tais os casos dos acampamentos militares de Lomba do Canho (Arganil), Alto dos Cacos (Almeirim) e Chões de Alompé (Santarém), ou dos sítios de forte conotação castrense objecto de escavações recentes como os de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira), Castro de Chibanes (Palmela) ou Castelo da Lousa (Mourão). Neste sentido, o surgimento de telha em locais datados dos dois séculos antes da Era é um dos mais úteis instrumentos arqueológicos para aferir do

perfil cultural do lugar, registando uma lenta mas progressiva disseminação pelo espaço.

O advento dos primeiros imperadores de Roma, porém, iria mudar o cenário de forma drástica: o surto desenvolvimentista, assente no Ocidente numa administração concebida para ser eficaz, impulsionaria a expansão do número de cidades propriamente ditas, implicando numerosas instalações de edificado público (arruamentos, saneamento, centros cívicos, edifícios lúdicos e termas ou outros equipamentos de prestígio), nuns quantos casos patrocinados pelo poder central, porém, e na sua maioria, suportados pelas munificências das elites locais que bem beneficiaram do aceleração da economia verificado.

O impulso dado à construção foi tremendo e comportou a expansão da exploração e produção de materiais para a construção, como a sua comercialização: a pedra, os componentes das múltiplas argamassas e “cimentos” e a cerâmica. Assim, as olarias, até então raras no registo arqueológico português, surgem agora com uma frequência inaudita e, por vezes, com uma formulação quase “proto-industrial”. Nestas, e porque os fabricos que delas saem são muitas vezes diversificados (o que inclui cerâmicas de uso quotidiano, ânforas para o envase de produtos alimentares ou cerâmicas finas), a olaria de construção (telha plana e curva e tijolos de dimensões variadas) é seguramente o aspecto menos estudado. Em Conímbriga, por exemplo, os centros locais são múltiplos (há registos das oficinas de um certo Maelão, de um Avito ou da família Alia, entre outros). Em diversos sítios romanos algarvios é comum o achado de telha plana produzida na zona da actual Andaluzia, assinada por exemplo por Parhali ou Aehmel. Em Lisboa, o achado de telha plana com a mesma origem é um facto arqueológico comum para os séculos I e II d.C., o que, longe de demonstrar a fragilidade produtiva destas duas últimas regiões, atesta outrossim o seu cosmopolitismo marítimo e a intensidade da procura de telhados “à romana” com recurso às importações.

Esta pujança manter-se-á até ao final da Antiguidade. Os dados para momentos posteriores ao século VI d.C., quando o retorno do Império se tornara somente uma miragem, ilustram o declínio das coberturas cerâmicas. Com o fecho definitivo das grandes olarias de origem romana, a escala produtiva restringiu-se fortemente, sendo muitas vezes de âmbito doméstico, e os materiais de construção em cerâmica com estas datas registam uma expressão de generalizada ausência, vulgarizando-se a reutilização e o reaproveitamento dos antigos elementos. Só com a invasão muçulmana da Península Ibérica, em 711 d.C., se iriam enfim retomar e recuperar os ancestrais saberes em voga no período romano...

* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico